

1. Introdução

Afinal, o que significa *ser* jornalista e *fazer* jornalismo? Estas perguntas foram feitas primeiramente a mim mesma, ainda nos tempos de graduação, durante a faculdade de Jornalismo. E, mesmo após os anos acadêmicos, são questões que continuam presentes.

Fazendo uma avaliação sobre as ideias que possuía da profissão, identifiquei que elas foram se modificando ao longo dos anos, que novas características foram acrescentadas e outras, ainda, modificadas. E tanto as mudanças em minha vida pessoal quanto os novos acessos que tinha a recursos acadêmicos e experiências profissionais possibilitaram novos olhares sobre o jornalismo. Novos olhares que ainda buscavam compreender o significado de *ser* jornalista e *fazer* jornalismo.

Acabei encontrando, por linhas tortas, o lugar certo para realizar este questionamento: minha tese de doutorado. Lugar certo, pois este trabalho me deu a oportunidade de ter contato com jornalistas e recursos para pesquisar mais profundamente sobre este mundo profissional. Assim, ao invés de tentar responder a estas perguntas baseada em meus critérios e opiniões, nada melhor que ouvir outras vozes, nesse caso, já mais familiares ao tema que a minha própria voz. Por isso as linhas tortas. Elas se devem ao fato de ser o grupo dos jornalistas meu objeto de pesquisa após meu afastamento da profissão.

Deixei de fazer parte do grupo de jornalistas que atua cotidianamente na profissão para seguir um caminho profissional ligado ao mundo acadêmico, ainda tratando em parte do Jornalismo, em suas disciplinas universitárias, mas também a outros temas de estudo, ligados às Ciências Sociais.

A ideia de me relacionar novamente com a minha “primeira profissão”, agora a partir de um olhar que poderia levar em consideração minhas práticas e percepções daquela época, mas, também, com o afastamento necessário para levantar questões sobre este universo, acessando novas fontes de pesquisa e interlocutores, me pareceu promissora para a construção de uma análise que interpretasse os critérios discursivos e comportamentais daquilo que o grupo dos

jornalistas identifica como peculiar, como formador de seu caráter, de suas visões do que significa *ser e fazer* jornalismo.

Comecei a ouvir respostas de jornalistas e, a partir delas, fui encontrando caminhos para perceber e analisar os aspectos que inserem o jornalista em um grupo, dando a eles uma identidade específica, um caráter. Foram os jornalistas, ainda em minhas primeiras entrevistas, que me forneceram subterfúgios para construir este trabalho. Em seus discursos encontrei meu “furo”, o tema de tese que desenvolverei nos próximos capítulos.

Das repostas dos jornalistas surgiu a necessidade de interpretar a relação do grupo com aquilo que identificaram como “prática” e como “teoria”. Isso porque valores comuns aos profissionais (*ser*) e também ações, comportamentos, atitudes que são compartilhadas e tidas como peculiares ao grupo (*fazer*) apareciam nos discursos relacionadas a elementos tidos como “práticos” e em oposição a elementos que o grupo entendia como “teóricos”.

Apresentar a relevância desta “prática” e desta “teoria” para a formação da identidade, ou melhor, do caráter do grupo, se tornou tema central desde as primeiras entrevistas realizadas com intuito de ouvir dos jornalistas o que significa para eles *ser e fazer* jornalismo. Foi possível perceber que elementos que os próprios denominavam de “prática” prevaleciam sobre aqueles que eram atribuídos a uma ideia de “teoria” na produção da autoimagem do grupo.

Esta relação de proximidade com a “prática” e afastamento da “teoria” me fez perceber que seria necessário identificar quais atributos estavam sendo colocados em cada uma dessas categorias e sua relação com a formação do grupo, com os modos de pensar (*ser*) e agir (*fazer*) que dão ao indivíduo um senso de identidade comum, de caráter.

Além de identificar e apresentar o que o grupo destaca como formador de seu caráter, me pareceu necessário problematizar as escolhas do grupo, tendo em vista que elementos menos ou não reivindicados também podem estar presentes. Assim, leva-se em conta que o discurso do nativo não constrói sozinho o caráter do grupo, pois não se trata de uma reprodução das falas dos interlocutores. Trata-

se de uma construção de um tipo ideal de jornalista a partir daquilo que reivindica, mas também daquilo que não reivindica para a formação de seu caráter.

Os capítulos foram organizados de modo a valorizar a escolha do termo “caráter” como referencial teórico; a percepção de que o grupo constrói sua imagem a partir de uma autonarrativa que atribui mais valor a elementos que entendem como “práticos”, desvalorizando elementos tidos como “teóricos”; a seleção e definição dos atributos reivindicados como “práticos” e como “teóricos”; a problematização desta escolha e divisão entre “teoria” e “prática” na formação do caráter do grupo e, por fim, as possibilidades de se pensar em como lidar com a maneira como o grupo se define e se enxerga, seja ela mais ou menos crítica ao discurso e postura do jornalista.

No primeiro capítulo que, devido ao modo de organização da tese é nomeado de segundo capítulo, apresento argumentos para a escolha do termo “caráter”, de Richard Sennett, que relaciona as qualidades que levam indivíduos a se perceberem enquanto grupo através de sua relação com o mundo do trabalho. Para perceber como o grupo ganha forma, o caráter contempla dois eixos: o primeiro leva em consideração aquilo que o grupo possui como valores e modos de pensar comuns; e o segundo contempla a percepção dos comportamentos peculiares entre os indivíduos do grupo.

Ainda neste capítulo apresento o resultado de entrevistas realizadas com jornalistas que atuam ou atuaram em jornais impressos do Rio de Janeiro, com intenção de encontrar traços específicos do caráter do jornalista. Estes depoimentos ajudaram a produzir o recorte deste trabalho, pois revelaram que a construção do caráter do grupo tendia a favorecer atributos que os jornalistas denominavam como “práticos”. A investigação das características destes atributos ganha corpo nos capítulos seguintes.

O terceiro capítulo buscou ouvir mais vozes para verificar se os aspectos práticos enaltecidos nos primeiros depoimentos iriam manter sua predileção na construção do caráter do jornalista. Um número maior de jornalistas de jornais impressos do Rio de Janeiro foi ouvido e também foram realizadas entrevistas

com profissionais norte-americanos que atuam ou atuaram no mesmo segmento na cidade de Nova York.

A escolha de jornalistas norte-americanos se deu devido à influência que o Jornalismo norte-americano exerceu e ainda exerce no Brasil e à possibilidade de compreender se o discurso de valorização de uma ideia de “prática” é comum entre os jornalistas de ambos os países ou, ainda, se esta seria apenas uma construção dos profissionais brasileiros.

Através do Programa de Doutorado Sanduíche Capes/Fulbright pude realizar parte da pesquisa no Departamento de Mídia da Universidade de Fordham, na cidade de Nova York. Neste período, colhi depoimentos de profissionais de jornais da cidade, tive acesso a recursos acadêmicos sobre o tema, participei de eventos em diversas universidades e centros de discussão sobre Jornalismo, além de vivenciar o modelo de jornalismo da cidade no acesso cotidiano aos meios de comunicação.

Um questionário revisado foi confeccionado, com versões em inglês e português, para ouvir os novos depoimentos de maneira mais clara e organizada, buscando, ao mesmo tempo, ser amplo e abordar variados temas ligados ao Jornalismo, e também compreender a construção de um caráter voltado para atributos retoricamente entendidos como “práticos”.

Ainda neste capítulo apresento uma relação de elementos que discursivamente foram denominados “práticos” e elementos denominados “teóricos” pelos jornalistas. Estes elementos fazem parte da construção de um quadro ideal que busca sintetizar fatores que representam e fatores que não representam o “caráter do jornalista”.

No quarto capítulo utilizo outras fontes que dialogam com os profissionais do jornalismo e que auxiliam na consolidação dos exemplos dos aspectos reivindicados como “práticos” e “teóricos”. Utilizei textos acadêmicos, biografias de jornalistas, informações disponíveis na Internet, conversas informais e presença em eventos para descobrir novos atributos peculiares ao grupo. Estas fontes se somam às entrevistas para criar um quadro cuja proposta é produzir uma visão

ampla, um tipo ideal dos elementos práticos (mais próximos) e teóricos (mais afastados) do caráter do jornalista.

No quinto capítulo pretendo problematizar o discurso nativo, trazendo a possibilidade de encontros com a “teoria” e desencontros com a “prática”. Nesse caso, os elementos deixados de lado ou enaltecidos pelo grupo são analisados sob uma nova perspectiva, onde elementos não reivindicados pelo grupo também podem se tornar parte constitutiva de seu caráter.

O sexto capítulo traz considerações finais sobre o tema, frisando que o caráter do jornalista foi construído a partir da percepção das categorias nativas de comportamento e pensamento; dos aspectos não reivindicados que, ainda assim, se relacionam com o caráter do grupo; da produção retórica de uma lógica interna e seus impactos nos modos de *ser* e *fazer* jornalismo e da relação construída com os atributos mais ou menos afastados do grupo.

Também apresenta maneiras possíveis de lidar com o caráter ideal do jornalista. A primeira delas traz exemplos de acolhimento ao caráter do jornalista no formato retoricamente produzido e reivindicado pelos jornalistas. Ou seja, são formas de lidar com o caráter que aceitam a construção do grupo predominantemente a partir do discurso nativo.

Outra maneira de lidar com este caráter critica a escolha dos elementos de construção do grupo e propõe que novos atributos sejam agregados e façam sentido entre os pares. Nesse caso, os critérios de formação do grupo precisariam ser revistos e aqueles que hoje são selecionados deixariam de fazer sentido.

Uma terceira alternativa propõe que se desfaça a separação rígida entre “teoria” e “prática”, estimulando a percepção do jornalista para a interação entre ambas e renovando a relação do jornalista com seu caráter.